



O Camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

UNAMO-NOS E ORGANIZEMOS A NOSSA LUTA!

POR TRABALHO ASSEGURADO E JORNAS MAIS ELEVADAS DURANTE AS CEIFAS!



Ao aproximarem-se as ceifas, todos nós, ceifeiros e ceifeiras, pensamos na possibilidade de pagar dívidas criadas pelo desemprego e as jornadas de fome, pensamos na possibilidade de comprar qualquer coisa que tanto nos faz falta.

E pensamos nisso porque pelo menos a ceifa permitia um tempo de trabalho e uma jorna melhor. Mas actualmente, com o uso das máquinas, os grandes agrários com o apoio do governo, querem obrigar-nos a jornadas de fome e ao desemprego, mesmo durante a ceifa. Pela nossa experiência sabemos que só se lutarmos firmemente contra tais manobras conquistaremos trabalho e uma jorna justa.

A NOSSA UNIDADE É QUE NOS DÁ A FORÇA

Se nós, ceifeiros e ceifeiras, formos oferecer, separados uns dos outros, os nossos braços aos agrários, ou se aceitarmos, isolados dos nossos companheiros, o trabalho e a jorna que os agrários nos oferecem, sentir-nos-emos bem fracos, impotentes para defendermos uma jorna melhor ou condições de trabalho mais justas.

Como se sabe se pegarmos num feixe de varas, podemos quebrá-las uma a uma forçando-as isoladamente. Mas se pegarmos no feixe em conjunto, bem poderemos fazer força que não o conseguiremos quebrar.

Sucede exactamente o mesmo conosco. Se nos unirmos, se formos em conjunto e bem unidos oferecer o nosso trabalho aos agrários ou nos combinarmos para não aceitar empreitadas ou menos que uma dada jorna, então não nos sentiremos fracos, seremos fortes e a nossa força permitirá-nos vencer a exploração dos agrários.

ALARGUEMOS A NOSSA UNIDADE A TODA A REGIÃO

Para nos unirmos e combinarmos bem como devemos actuar, precisamos de conversar uns com os outros, de fazer muitas reuniões de ceifeiros e de escolhermos Comissões que nos organizem e orientem.

E não podemos ficar satisfeitos se nos conseguirmos unir somente na nossa terra. A nossa unidade necessita de atingir as terras próximas. Precisamos que em toda a nossa região os ceifeiros e ceifeiras se unam e combinem o que devem fazer. E se em todas as terras houver a preocupação de ajudar as outras, em breve teremos uma larga unidade em todo o lado.

Só bem unidos e com uma unidade ampla poderemos impor as nossas justas reivindicações.

POR TRABALHO ASSEGURADO EM TODO O PERÍODO DA CEIFA E JORNAS COMPATIVELIS COM O NÍVEL DE VIDA

Actualmente não podemos simplesmente combinar uma jorna entre todos e não ceifarmos senão por ela. E não podemos fazer isso porque, com o uso das máquinas, arriscávamo-nos a passar toda a ceifa à espera que nos oferecessem trabalho.

Hoje precisamos de nos unir mas não podemos ficar parados. Temos que nos concentrar nas Casas do Povo ou junto das autoridades para reclamar que nos seja garantido trabalho para TODOS durante o período da ceifa e que as jornadas sejam compatíveis com o elevado custo da vida actual.

Hoje a nossa principal luta deve dirigir-se para a conquista dum contrato para toda a ceifa em que se coloque bem claramente que enquanto houver braços parados as máquinas não trabalhem.

As condições do contrato devem ser discutidas livremente pelos ceifeiros e ceifeiras e obrigar todos os agrários a respeitá-las.

CONQUISTEMOS TRABALHO E JORNA

Se as autoridades e os agrários se recusarem a tratar conosco dum contrato justo para as ceifas, teremos que, sempre bem unidos e estendendo essa unidade a toda a região, mostrar que não nos sujeitaremos a passar sem trabalho ou com jornadas de fome.

Concentremo-nos nas Praças de Jorna ou nas Casas do Povo e, em massa, mulheres e homens, vamos às herdades e ceifemos o que houver para ceifar, obrigando os agrários a pagar a jorna combinada. Quando os agrários quiserem empregar as máquinas, não permitamos que elas trabalhem e nós parados. Não podemos morrer à fome. Teremos de conquistar trabalho e jorna.

UNAMO-NOS E LUTEMOS CONTRA A REPRESSÃO

Se, por vontade dos agrários, a luta se tornar mais difícil, eles não deixarão de chamar a GNR e até a PIDE para nos bater e prender.

Mas se estivermos bem unidos, como as varas juntas no feixe, por mais força a que os agrários recorram, não nos poderemos vencer.

Mostremos às autoridades e à GNR, com calma mas com firmeza, que a nossa luta é justa e necessária. Saibamos distinguir os homens honestos da GNR daqueles que são carrascos do povo e dos agentes da PIDE, verdadeiros criminosos, e, com o apoio das populações das nossas terras, não recuemos na defesa das nossas reivindicações, que constituem aspirações bem humanas e necessárias.

OS MELHORAMENTOS RURAIS

O problema da habitação, fundamental para a vida, é cada vez mais premente nas nossas aldeias. As nossas casas não têm condições higiénicas quanto mais as comodidades a que toda a pessoa humana aspira. Devido à sua escassez e às nossas poucas posses, temos de viver quase uns por cima dos outros.

O abastecimento de água, tão necessário, é muito deficiente e não são tomadas providências capazes para o resolver. Um deputado à própria Assembleia Nacional dos salazaristas afirmou: «para completar o abastecimento de água a todas as povoações com mais de cem habitantes, no período de tres planos de fomento, tornar-se-iam indispensáveis dotações anuais da ordem dos 115 mil contos; ora, não ultrapassando o financiamento previsto 40 mil contos, o plano levará cerca de 54 anos a executar!»

No que respeita à electrificação mais de metade das freguesias não a conhecem. Ainda há pouco soubemos que para levar a electricidade para a aldeia de St^a. Margarida (Idanha-a-Nova) é preciso que a população contribua com 30 contos.

É este o processo usado pelas autoridades para «melhorar» a nossa vida. Ainda não há muito a Câmara de Grândola exigiu uma nova contribuição para fazer arruamentos numa aldeia. A população recusou-se a pagar mais esse imposto obrigando a Câmara a recuar, mas os arruamentos não foram feitos.

Tudo isto significa que, contra o que dizem os salazaristas, a população rural está abandonada. Muitos dos melhoramentos que se têm conseguido são produto do esforço da população que não foge a canseiras e até despesas para beneficiar a terra onde vive.

Mas temos necessidade de exigir que sejam as autoridades a mandar fazer os melhoramentos pois já pagamos muito para isso. Que vão buscar as verbas às que inutilmente se gastam nos preparativos de guerra, na repressão ao povo, etc..

Se em cada terra, apreciando o que é mais preciso, a população se juntasse e se dirigisse à Junta de Freguesia ou à Câmara a pedir esse melhoramento, não só se conseguiria algum trabalho para os que o não têm, como melhorariamos as nossas condições de vida.

HÁ SEIS ANOS MATARAM CATARINA EUFEMEA

Todos os anos «O Camponês» lembra a morte da nossa querida Catarina Eufemea, de Baleizão.

Mais uma vez, ao passar, no dia 19 de Maio, o 6º aniversário desse vil assassinato, todos nós, camponeses, devemos homenagear a memória dessa heroica camponesa, falando na sua vida, fazendo um minuto de silêncio, unindo-nos contra os assassinos dos trabalhadores, unindo-nos sempre mais em defesa dos nossos justos interesses, seguindo o belo exemplo de Catarina Eufemea que lutou firmemente contra a miséria e a fome.

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

As experiências colhidas em lutas anteriores têm-nos sempre provado que só nós próprios poderemos defender os nossos interesses; que só unindo-nos teremos força para vencer; que só lutando com firmeza e sem desfalecimentos conseguimos os nossos objectivos. Foi desse modo que conquistamos já contratos para toda a ceifa e conseguimos em muitos lados jornadas de 50, 60 e mais escudos.

Seguindo os belos exemplos de outros anos:

Levatem os bem alto a unidade de todos os ceifeiros e ceifeiras, tendo em conta a importância decisiva da participação das mulheres nessa unidade e do alargamento desta a toda a região;

Procuremos o apoio para a nossa acção de todos os trabalhadores (desde os que conduzem as máquinas, aos «anuais» e aos ceifeiros e ceifeiras que vêm de outras regiões), dos comerciantes das nossas terras e dos pequenos seareiros e proprietários, (que são nossos aliados na nossa luta por trabalho e contra a ganância dos grandes);

Lutemos em massa e persistentemente por um contrato que nos garanta trabalho e uma melhor jorna para todo o tempo da ceifa; Forcemos os agrários a darem-nos trabalho e uma jorna justa não permitindo que trabalhem as máquinas com os nossos braços parados;

Apelemos para os homens honestos da GNR e enfrentemos corajosamente a acção repressiva de que os agrários lancem mão.

CEIFEIROS E CEIFEIRAS!

Em frente na luta pelas nossas justas reivindicações!

Todos mobilizados e unidos e conseguiremos vencer a fome!

AVANTE POR UMA VIDA MELHOR NOS CAMPOS!

AS LUTAS DOS OPERÁRIOS AGRICOLAS

A luta por um contrato colectivo de trabalho está conquistando o interesse de muitos operários agrícolas.

Como objectivo de discutir esse problema, sabemos que se têm realizado várias reuniões de trabalhadores entre as quais se devem destacar algumas com 60, 70 e 80 pessoas e uma com mais de 200 trabalhadores sendo mais de metade mulheres.

O entusiasmo que nestas reuniões transparece dá uma ideia de como é justa e compreendida a luta por um contrato colectivo para o operariado agrícola. Dessas reuniões tem resultado a formação de várias Comissões que se procuram ligar umas às outras para troca de ex-

periências e coordenação da sua actividade.

É importante, é necessário que esta actividade se alargue cada vez a mais terras para que a luta seja mais forte e mais firme.

Entretanto não se pode desligar a luta por um contrato colectivo das lutas diárias por trabalho, por jorna compatível com o custo da vida e por um horário de trabalho.

Na região do COUÇO, as mulheres, que lutavam por 20\$00 na cava das lamas, conseguiram, com uma acção constante e unida conquistar essa jorna e mesmo 21 e 22\$00. Depois disso lutaram pela conquista das 8 horas mas, apesar

(continua na 2ª pág.)



Ó ZÉ

—Até que enfim te encontro, Zé. Queria falar contigo.
—Diz lá, Toino.
—Ouve, Zé. Tu sabes que há muitos companheiros nossos que não compreendem a importância da unidade das mulheres e até pensam que elas só servem para o serviço da casa. Resistam a que as suas companheiras, filhas ou irmãs vão às reuniões, às concentrações, etc. Dizem que as mulheres não

prestam para a luta, são umas linguas de trapo. E, digo-te, é uma carga de trabalhos para os coarçaver do contrário.

—Tu tens razão Toino, até certo ponto. Em todo o lado era assim mas hoje já em algumas regiões as mulheres têm mostrado que os homens que pensam como tu dizes não têm razão. Em certos lados as mulheres vão às reuniões, vão às concentrações, lutam muito por trabalho, uma melhor jorna, etc. Até há terras onde elas dão exemplos aos homens.

—E como vamos convencer os homens de que é possível também levar as mulheres para a luta?

—Olha Toino, as mulheres trabalham muito no campo. O problema da sua unidade e organização é muito importante pois é uma grande força que devemos unir a nós. Mas é necessário muita discussão entre os trabalhadores. Muitos destes ainda não apreciaram bem a grande exploração que as mulheres sofrem, e que leva muitos agrários a substituir no trabalho os homens por mulheres porque estas ganham menos.

Devemos esclarece-los com paciência e mostrar-mos os exemplos de outras regiões. Ali aonde as mulheres ainda não lutam cabe aos homens impulsioná-las para isso.

Agora para as ceifas devemos levar as nossas companheiras, irmãs, filhas e mães às reuniões de massas e às concentrações. Procuramos que elas próprias se reunam, discutam os seus problemas e combinem o que fazer, que formem as suas próprias Comissões de Unidade.

—Está bem, Zé. Vamos a ver se com os exemplos de outros lados e muita discussão convencemos os nossos companheiros de trabalho a ajudar as mulheres a unirem-se e a lutarem.

—Até à vista, Toino.
—Adeus, Zé.

CARTAS DOS LEITORES
AOS TIRADORES DE CORTIÇA

Aos ribatejanos, alentejanos, pegachos e algarvios: eis a grande jornada que temos na nossa frente. Todos sabemos que os grandes proprietários da cortiça não encontram ainda máquinas para a extrair, somos nós com os nossos machados que a extraímos irrepando aos sobrelhos sempre em risco de cair ou cortarmo-nos nas ferramentas afia-

das e sempre com salários que não chegam para matar a fome nos nossos lares.

Por isso, queridos companheiros, este ano temos que lutar por um contrato colectivo para todo o tempo da extracção da cortiça que tenha um salário compatível com o custo de vida.

Desde já devemos fazer reuniões de trabalhadores que tiram cortiça para todos discutirmos a jorna a pedir, devemos ir às outras terras vizinhas falar com outros trabalhadores e combinar com eles o salário e condições porque havemos de lutar. Se de cada terra os trabalhadores falarem só que se juntam os da terra mais próxima, dadas as condições da área de cortiça, pegar desde o Alentejo ao Algarve não ficará uma única terra onde não sejam conhecidas as condições do contrato porque lutamos.

Companheiros, poderão os agrários enganar nos com os lucros das suas searas mas nunca os donos da cortiça nos podem enganar com os lucros fabulosos que recebem pela venda das suas cortiças. Todos sabemos, dentro da nossa área, a quantidade de mil arrobas que dá cada condado, e também sabemos que toda a área da cortiça está principalmente nas mãos de duas ou três centenas de reacçãoários como o Visconde de Santarém, os Duques de Palmela e Cadaval, Mascarenhas, Lopes, Mira, Mexias, Barreiras, etc.

Queridos companheiros! Só os trabalhadores da área dos sobrelhos sabem tirar cortiça, por isso, os grandes proprietários nunca poderão ir buscar ranchos de fora e também não a podem deixar para outro ano porque a tal não o permite. Como a cortiça só dá para se extrair do princípio de Junho a meados de Agosto, se nos sobrelhos não unir errancaremos o patrão e um salário como nunca ganhámos.

A falta de unidade dos trabalhadores de umas terras com as outras tem feito com que as jornas na tiragem da cortiça tenham descido de alguns anos para cá. Por isso, nós devemos levar esta luta a todas as terras onde existam tiradores de cortiça, para que as jornas sejam iguais em todo o lado e assim não ficar tempo aos proprietários para deixar o pessoal da sua terra sem trabalho para os ir buscar a outra.

Um tirador de cortiça.

Nos muros, nas estradas, nas paredes, nas traseiras das camionetes, escreve, Fora Salazar!

AS LUTAS DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

(continuação da 1ª pag.)

da justiça dessa reivindicação encontraram uma grande resistência por parte de muitos agrários, que despediram o pessoal dessa região para meter ranchos de outras terras.

Em virtude dessa situação no dia 11 de Abril mais de 250 trabalhadores, homens e mulheres, concentraram-se na Casa do Povo para reclamar trabalho. Perante os seus protestos o Presidente da Casa do Povo telefonou para Santarém e depois deslocou-se a Coruche. Os trabalhadores voltaram para saber a resposta e como nada conseguissem, concentraram-se de novo no dia seguinte, especialmente as mulheres.

Foi decidido fazer praça no domingo e na verdade juntaram-se na praça centenas de trabalhadores mas só algumas dezenas de mulheres conseguiram trabalho.

Ante a acção dos agrários de não dar trabalho aos trabalhadores do Couço, dezenas de operárias agrícolas desta terra, dando um belo exemplo de iniciativa e de firmeza, ferraram ao lado das que tinham conseguido trabalho e conquistaram assim trabalho e a jorna que pediam -20\$00.

Toda esta luta mostra bem que é a unidade a base da força dos trabalhadores.

Para estabelecer essa unidade é

necessário acentar na jorna a pedir e na forma de conduzir a luta. Recorrendo às concentrações na praça de jorna, na Casa do Povo ou junto das autoridades, ou obrigando mesmo os patrões a aceitarem o nosso trabalho, conquistamos as nossas reivindicações.

Mas quando os agrários recorrem aos ranchos de fora para impedir a nossa luta é necessário também ir falar com eles, não como inimigos mas como companheiros de trabalho que desejam a unidade de todos os assalariados. Dessas conversas deve resultar o alargamento da unidade a esses ranchos e às terras de onde vêm.

Em REBORDELO (Trás-os-Montes) os assalariados agrícolas ganhavam 10\$00 com comida. Apareceu um grande cartaz com um desenho que reivindicava 15\$00 com comida.

Deram-se várias concentrações a exigir esta jorna. A PIDE apareceu a fazer interrogatórios para saber quem fizera o cartaz.

Nas freguesias de GUIÃES e ABAÇAS (Vila Real de Trás-os-Montes) os operários agrícolas que ganhavam, na cava das vinhas e na sementeira das batatas, 20 e 21\$00 a seco, lutaram e conseguiram em vários lavradores, a jorna de 35\$00.

MEXILHOEIRA GRANDE - Um rancho de 43 operários agrícolas dos arredores de Grândola, contratados pelo rendeiro Francisco Chenita para a cava das lamas, como este exigisse maior número de horas de trabalho do que constava no contrato, no dia de pagamento, quando o Chenita apareceu de automóvel, rodearam-no e exigiram o cumprimento do contrato ou o pagamento das despesas de deslocação para aqueles que se quizessem ir embora.

O Chenita, recusando, ameaçou que iria buscar a GNR. Os trabalhadores ao mesmo tempo que se agarraram ao automóvel, bafoando-o, responderam que as ameaças não os intimidavam. O Chenita pouco tempo depois apareceu acompanhado dum sargento e dum praça da GNR de Portimão.

O sargento da GNR depois de ter ouvido os trabalhadores e compreendido que a razão estava do seu lado, exigiu que o Chenita cumprisse o contrato ou satisfizesse o pagamento das despesas daqueles que se quizessem ir embora.

150 mineiros das minas de Aljustrel, depois de terem permanecido 35 horas no fundo da mina, sem comer nem beber, como protesto contra o despedimento de 12 dos seus camaradas e dos baixos salários, foram presos pelos esbirros salazaristas.

Exijamos a sua libertação! Prestemos a nossa solidariedade!

MAIS UM EXEMPLO

No nosso número de Fevereiro citamos um exemplo dum operário agrícola de Vale de Vargo que, preso e torturado pela PIDE, se recusou firmemente a prestar declarações. Esse bravo camponês, Manuel dos Santos Gonçalves, fugiu da prisão em que a PIDE o encarcerara, em Paços de Ferreira

Nessa altura um outro preso político fugiu também. Trata-se de Diniz Fernandes Miranda, natural de Montoito e também operário agrícola (em 1957 deslocou-se para o Porto onde trabalhava como operário). Diniz Miranda é outro exemplo de firme conduta ante a PIDE

Em virtude da sua actividade em defesa da Juventude, Diniz Miranda foi já preso quatro vezes. Tem sido barbaramente tratado pela PIDE. Transcrevemos aqui uma parte dum declaração que dirigiu ao Tribunal, quando duma das suas prisões, em 1955.

«... depois de ter sido agredido a murro na cabeça pelo inspector Porto Duarte e em seguida por 4 ou 5 agentes da sua brigada, estive nesta situação 3 dias e 3 noites e durante este período, depois de me terem assim espancado longo tempo, deixaram-me cair imobilizando-me no solo. Quando cansados, levantaram-me pelos cabelos e

obrigaram-me a estar de pé.

Como me recusasse a estar de pé, sentei-me no solo, ao mesmo tempo 3 agentes da PIDE agarraram-me pelos cabelos e pelas pernas, levantaram-me até à altura das suas cabeças para depois me deixarem cair no solo imparavelmente.

Danificaram-me a estrutura óssea do nariz e a junção do antebraço direito com a mão. Torceram-me as orelhas, as pernas, os braços e os testículos durante longo tempo até que perdi os sentidos, estando 3 dias praticamente sem dar acordo de mim. Depois deste período ainda estive mais dois dias sem poder abrir a boca para comer e com a cabeça inchada dos muros que os agentes me deram na PIDE, especialmente o agente Costa Lima, que mais me torturou.

Não são as torturas que fazem dobrar a vontade dos homens na sua luta em defesa dos interesses da sua classe e do seu povo.

Aqueles que, presos e virem com as suas informações os interesses da PIDE, dos inimigos dos trabalhadores e do povo, esses negam o seu passado, negam os seus amigos e companheiros do trabalho, negam o povo a que pertenciam.

Divulguemos os bons exemplos de conduta ante a famigerada PIDE e desmascaremos os que a

LEITOR AMIGO

«O Camponês» é um fiel companheiro de luta. Ele tem desempenhado, sem dúvida, um importante papel de esclarecimento e mesmo de unificador, organizador e guia na luta diária dos camponeses em defesa dos seus mais justos interesses.

Por isso «O Camponês» não deve ser destruído, deve ser dado a um companheiro de trabalho, medido por baixo dum porta ou deixado num local onde passem pessoas que possam ler. Desse modo poderemos fazê-lo chegar a muitos outros lados pois cada exemplar pode ser lido por muita gente.

Ao mesmo tempo tem muita importância que nos sejam enviadas informações não só das lutas que se travam mas também da situação geral de todos os camponeses para que o jornal possa responder aos seus anseios, esclarecê-los e orientá-los.

Outra ajuda necessária ao nosso jornal é a do seu pagamento regular e de outras dadas monetárias. A este respeito teremos todos de realizar mais esforços para que «O camponês» possa manter a regularidade da sua saída. Sem essa ajuda isso não será possível.

Essa a razão porque resolvemos lançar um apelo especial de fundos para a recolha rápida de alguns milhares de escudos. A todos os nossos amigos e leitores serão enviadas pequenas listas numeradas para a recolha desses donativos, que podem ser contribuições pessoais ou o produto de iniciativas que englobem mais gente. Aqui deixamos o nosso apelo certos de que será correspondido.